

Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer processo à excepção de excertos para divulgação. Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

#### TÍTULO

Nova Águia – Nº 20 – 2º Semestre 2017

#### AUTORES

Vários Autores

#### DIRECTOR

Renato Epifânio

#### VICE-DIRECTORES

António José Borges, Haylane Rodrigues, José Almeida, Luís Lóia, Luís de Barreiros Tavares, Luísa Janeirinho e Maria Luísa Francisco

#### ILUSTRAÇÕES (INTERIOR)

Délio Vargas, José Rodrigues, Avelino Leite, Emerenciano, Filomena Vasconcelos, Francisco Laranjo, Isabel Saraiva, Mário Bismarck, Paulo Gaspar e Sousa Pereira

#### CAPA

Foto do Arquivo da Fundação Escultor José Rodrigues

#### EDITORES

Alexandre Gabriel & Sofia Vaz Ribeiro

1ª Edição: Outubro de 2017

ISSN: 1647-2802


DEPÓSITO LEGAL: 276 328/08

IMPRESSÃO: DPS

© 2017, Nova Águia & Zéfiro



Zéfiro – Edições e Actividades Culturais, Lda.  
Apartado 21 – 2711-953 Sintra – Portugal  
EMAIL: zefiro@zefiro.pt

 WWW.ZEFIRO.PT



## ÍNDICE

EDITORIAL ..... 5

### A JOSÉ RODRIGUES, AQUELE ABRAÇO

TEXTOS E TESTEMUNHOS | Ramalho Eanes (p. 8), A. Andrade (p. 9), Alberto A. Abreu (p. 9), Alberto Tapada (p. 10), António Oliveira (p. 11), Castro Guedes (p. 12), Diogo Alcoforado (p. 13), Diva Barrias (p. 20), Emerenciano (p. 22), Francisco Laranjo (p. 23), Gaspar Martins Pereira (p. 24), Guilherme d'Oliveira Martins (p. 25), Henrique Silva (p. 26), Isabel Pereira Leite (p. 27), Isabel Pires de Lima (p. 29), Isabel Ponce de Leão (p. 34), Isabel Saraiva (p. 36), Jorge Teixeira da Cunha (p. 37), José Adriano Fernandes (p. 38), José Gomes Fernandes (p. 38), José Manuel Cordeiro (p. 39), Júlio Cardoso (p. 41), Júlio Roldão (p. 42), Luandino Vieira (p. 42), Luís Braga da Cruz (p. 43), Maria Celeste Natário (p. 44), Maria Luísa Malato (p. 46), Mónica Baldaque (p. 48), Nassaete Miranda (p. 48), Nuno Higino (p. 49), Roberto Merino Mercado (p. 50), Ruben Marks (p. 52) e Salvato Trigo (p. 55).

ILUSTRAÇÕES DE: Artur Moreira (p. 9), Avelino Leite (p. 12), Emerenciano (p. 23), Francisco Laranjo (p. 23), Filomena Vasconcelos (p. 28), Isabel Saraiva (p. 36), Mário Bismarck (p. 39), Luandino Vieira (pp. 42-43), Paulo Gaspar (p. 48) e Sousa Pereira (p. 60).

### NOS 150 ANOS DO NASCIMENTO DE RAUL BRANDÃO

EM TORNO DO TEATRO DE RAUL BRANDÃO | António Braz Teixeira ..... 62  
APONTAMENTOS SOBRE *HÚMUS* DE RAUL BRANDÃO | Luís de Barreiros Tavares ..... 66  
A COISA NA OBRA DE RAUL BRANDÃO | Rodrigo Sobral Cunha ..... 72

### NOS 350 ANOS DO FALECIMENTO DE FRANCISCO MANUEL DE MELO

FRANCISCO MANUEL DE MELO:  
O HOMEM E A OBRA NO CONTEXTO DO BARROCO | Maria Luísa de Castro Soares ..... 84  
FRANCISCO MANUEL DE MELO E ANTÓNIO VIEIRA | Ana Paula Banza ..... 91  
FRANCISCO MANUEL DE MELO, MORALISTA | António Braz Teixeira ..... 99  
FRANCISCO MANUEL DE MELO: CONHECER, SENTIR E «ESCREVIVER» | Deana Barroqueiro ..... 103  
A METAFÍSICA DA SAUDADE DE FRANCISCO MANUEL DE MELO | Manuel Cândido Pimentel ..... 108  
AS EXPLORAÇÕES CABALÍSTICAS DE FRANCISCO MANUEL DE MELO | Manuel Curado ..... 112  
A PINTURA DO PENSAMENTO:  
ALEGORIA DA HISTÓRIA EM FRANCISCO MANUEL DE MELO | Maria Teresa Amado ..... 127

### OUTRAS EVO(O)CAÇÕES

ÂNGELO ALVES | J. Pinharanda Gomes ..... 136  
ANTÓNIO PAIM | José Maurício de Carvalho ..... 143  
AZEREDO PERDIGÃO | Adriano Moreira ..... 144  
CORRÊA DE BARROS | José Almeida ..... 150  
EÇA DE QUEIRÓS | José Langa-Coelho ..... 151  
EDUARDO PONDAL | Maria Dovigo ..... 153  
EUGÉNIO TAVARES | Elter Manuel Carlos ..... 158  
GUERRA JUNQUEIRO | Delmar Domingos de Carvalho ..... 165  
JOÃO FERREIRA | Renato Epifânio e Luís Lóia ..... 167  
MANUEL ANTÓNIO PINA | José Acácio Castro ..... 169  
MANUEL FERREIRA PATRÍCIO | Fernanda Enes e J. Pinharanda Gomes ..... 174  
MATEUS DE ANDRADE | José Luís Brandão da Luz ..... 181  
PINHARANDA GOMES | Elísio Gala ..... 190  
TORGA E RUBEN A. | Paula Oleiro ..... 192  
VIEIRA | Eduardo Lourenço ..... 196

## OUTROS VOOS

A LUSOFONIA COMO UTOPIA CRIADORA   Adriano Moreira .....	200
UTOPIA E MOVIMENTO INTERNACIONAL LUSÓFONO: NOS 10 ANOS DA <i>NOVA ÁGUIA</i>   António José Borges .....	204
BREVE CRÓNICA DO CENTRO PORTUGUÊS DE VIGO   Bernardino Crego .....	207
A ITÁLIA NA “GERAÇÃO DE 70”: A “GERAÇÃO DE 70” EM ITÁLIA   Brunello Natale De Cusatis .....	210
LITERATURA E DIPLOMACIA: ALGUMAS REFLEXÕES   Cláudio Guimarães dos Santos .....	218
PROLEGÓMENOS E INTERMITÊNCIAS DIALÓGICAS   Joaquim Pinto .....	222
LUSOFONIA INTERIOR   Luis G. Soto .....	230
A <i>NOVA ÁGUIA</i> E A CULTURA LUSÓFONA   Nuno Sotto Mayor Ferrão .....	235
AUTOBIOGRAFIA 3   Samuel Dimas .....	241

## EXTRAVOO

<i>VIDA CONVERSÁVEL</i> – SEGUNDA PARTE (CONTINUAÇÃO)   Agostinho da Silva .....	252
APRESENTAÇÃO A ORIENTE DE ESTREMOZ DE UMA REVISTA LITERÁRIA   António Telmo .....	255
DO QUE POSSA SER A FILOSOFIA   Delfim Santos .....	257

## BIBLIÁGUIO

<i>PORTUGAL, UM PERFIL HISTÓRICO</i>   Renato Epifânio .....	270
<i>TRAÇOS FUNDAMENTAIS DA CULTURA PORTUGUESA</i>   Renato Epifânio e Joaquim Domingues .....	272
<i>A LITERATURA DE AGOSTINHO DA SILVA</i>   António Cândido Franco .....	276

## POEMÁGUIO

PARA AS TINTAS DO JOSÉ RODRIGUES   Albano Martins .....	6
A “ANJA” DE JOSÉ RODRIGUES   José Acácio Castro .....	6
DA ESCULTURA: <i>A JOSE RODRIGUES - IN MEMORIAM</i>   António José Queiroz .....	6
PESSOAS COMO O JOSÉ RODRIGUES   Renato Epifânio .....	6
O ROSTO QUE SONHA: PARA JOSÉ RODRIGUES   J. Alberto de Oliveira .....	7
TU NÃO VIESTE ONTEM   Emerenciano .....	22
CANTANDO-TE   Ruben Marks .....	54
O TEU NOME INSCRITO   Rosa Alice Branco .....	60
PERMITE-TE O IMPOSSÍVEL   Isabel Alves de Sousa .....	60
PROCELA / VIDA E POESIA   António José Borges .....	61
HUMANIDADE   Fernando Esteves Pinto .....	83
ALEKSANDR SOLZHENITSYN   Jesus Carlos .....	135
CARTA AO ALBERTO CORRÊA DE BARROS NA HORA DA PARTIDA   José Valle de Figueiredo .....	151
SONETO – OBIRALOVKA/ INCONSTÂNCIA   Jaime Otelo .....	198
AMADOR, COMO DISSE CAMÕES   Manoel Tavares Rodrigues-Leal .....	250
MORTE EM AZUL   Filipa Vera Jardim .....	251
FLUVIALMENTE   Maria Luísa Francisco .....	279
ESCURIDÃO   Delmar Maia Gonçalves .....	279

MEMORIÁGUIO .....	280
-------------------	-----

MAPIÁGUIO .....	281
-----------------	-----

ASSINATURAS .....	281
-------------------	-----

COLEÇÃO NOVA ÁGUIA .....	284
--------------------------	-----

## EDITORIAL

**D**ecerto, uma das melhores formas de aferir o valor de uma vida é ter em conta a quantidade e a qualidade dos amigos que deixou. Sob esse prisma, José Rodrigues, que nos deixou recentemente, teve uma grande vida, como se pode verificar neste número da *Nova Águia*: entre textos, testemunhos, poemas e ilustrações, foram cerca de meia centena de contributos que nos chegaram<sup>1</sup> para prestar tributo a uma figura que esteve também na génese desta Revista – não tivesse sido ele o autor da capa do primeiro número da *Nova Águia*.

Em 2017, assinalam-se os 150 anos do nascimento de Raul Brandão e António Nobre. O MIL: Movimento Internacional Lusófono e a *Nova Águia* têm assinalado essa efeméride com um Ciclo a decorrer no Porto (no Ateneu e na Casa Museu-Guerra Junqueiro)<sup>2</sup>. Neste número, publicamos igualmente alguns textos sobre Raul Brandão. No próximo número, publicaremos uma série de textos sobre António Nobre.

Em 2016, assinalaram-se os 350 anos do falecimento de D. Francisco Manuel de Melo, essa figura maior da nossa cultura que teve o “azar” de ter nascido no mesmo ano (1608) do Padre António Vieira, “Imperador da Língua Portuguesa”. O Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, em parceria com uma série de outras entidades (entre as quais o MIL: Movimento Internacional Lusófono e a *Nova Águia*), promoveu um Colóquio, em Outubro do passado ano, na Biblioteca Nacional de Portugal. Os textos apresentados nesse Colóquio são também aqui publicados.

<sup>1</sup> Agradecemos aqui a Ágata Rodrigues, Alfredo Vieira, Maria Celeste Natário e Maria Luísa Malato o terem mediado o envio da maior parte desses contributos. Uma palavra também para Ângela C., que nos enviou um extenso documento de homenagem a José Rodrigues, que, por razões várias, não pudemos publicar, o mesmo tendo acontecido com Manuela de Abreu e Lima, por nos ter enviado o seu contributo já fora de prazo.

<sup>2</sup> Para além de outros eventos, que tiveram igualmente o nosso apoio institucional – referimo-nos, em particular, ao Colóquio “Primavera eterna: nos 150 anos do nascimento de Raul Brandão, no centenário da publicação de *Húmus*” (Palácio de Seteais, 25-27 de Maio de 2017).

Tendo chegado ao vigésimo número, a *Nova Águia* poderia ter optado por um número auto-celebratório, o que seria mais do que justificado, mas, como sempre, preferimos celebrar as figuras maiores da nossa cultura. Assim, para além da três figuras já referidas, celebramos uma série de outras figuras, em “Outras Evo(o)cações”, e, como sempre, em “Outros voos”, abordamos uma série de outras temáticas. Em “Extravoo”, como também tem acontecido, publicamos alguns inéditos – nomeadamente, de Agostinho da Silva, António Telmo e Delfim Santos.

Em “Bibliáguio”, publicamos uma série de resenhas de algumas obras publicadas recentemente: “Portugal, um Perfil Histórico”, de Pedro Calafate, “Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa”, de Miguel Real, e “A Literatura de Agostinho da Silva”, de Risoleta Pinto Pedro. Sem esquecer o “Poemáguio” e o “Memoriáguio”, duas outras secções também já clássicas, antecipamos os autores em destaque no próximo número – para além do já aqui referido António Nobre, iremos celebrar Dalila Pereira da Costa, no centenário do seu nascimento, e Fidelino de Figueiredo, no cinquentenário da sua morte<sup>3</sup>. É tão-só por isso que a *Nova Águia* irá persistir no seu voo, pelo menos por mais vinte números: se soçobrassemos, quem ficaria para falar sobre quem e o que mais importa?

A Direcção da *Nova Águia*

*Post Scriptum*: Dedicamos este número (cujo papel do miolo é completamente reciclado) a João Ferreira e a António Paim, duas das figuras maiores da Filosofia Luso-Brasileira e (por isso) colaboradores da *Nova Águia*, que entretanto chegaram aos noventa anos de vida.

<sup>3</sup> Conforme promessa de Rodrigo Sobral Cunha, iremos ter ainda uma secção sobre Lima de Freitas, que completaria em 2017 noventa anos de vida.

um escrito destes impõe, direi, em suma, que me não posso reconhecer no rumo que a modernidade imprimiu à Europa e ao mundo, afastando-se e negando mesmo o que poderia e deveria aproximar e unir os povos, numa doutrina de fraternidade realmente universal. E pena tenho de que o meu Amigo, ao invés de nos ajudar a tomar consciência da nossa identidade, de molde a participarmos, com o que temos de melhor, no movimento universal, arranque com a tese de que “Não existe uma *essência* identitária de Portugal” (p. 23), admitindo apenas a nossa *existência*, infeliz, como se não cansa de sublinhar. Ora, assim como sublinha os aspectos aparentemente mais depreciativos da nossa cultura, o Miguel Real quase apaga de todo os que lhes correspondem nas demais, no que se me afigura uma ficção inverosímil. Os argumentos que daí colhe para as suas teses chocam, no entanto, com o facto de que entre nós ninguém melhor do que o clero conhecia o que se pensava na Europa e, portanto, não foi por ignorância ou perversidade que só muito prudentemente foi integrando o que entendia compatível à nossa tradição. A verdade é que não foi no século XVI que as “elites”, como diz, se separaram do povo, mas a partir da segunda metade do século XVIII, com o impropriamente chamado “iluminismo” ou “ilustração”, termos por sinal colhidos na tradição religiosa que se esforçou por impugnar. Está claro que respeito o seu pensamento e admiro até as suas qualidades, invejáveis a mais de um título; mas é precisamente por isso que lamento esta penosa tentativa para impugnar a razão de ser de Portugal. É que não tenho dúvida sobre os efeitos práticos das teorias; são elas que preparam os espíritos para agir em conformidade. E mesmo acreditando que a verdade prevalecerá, aflige-me pensar no que de nocivo antevejo, tanto mais que estas teses estão em linha com o que, há cerca de duzentos e cinquenta anos, alguns intelectuais têm sustentado, com os péssimos resultados que, por sua vez, se alegam para justificar novas doses de reformas descaracterizadoras e deprimentes. Se Portugal ficou fora do tempo, foi porque abdicou do ritmo próprio em favor do alheio, acabando por se não identificar com um nem

com o outro. Sejam autênticos, de novo, pois a ninguém aproveita um mimetismo, que nada de realmente importante traz à Europa e ao mundo. Fossem outras, não digo as superabundantes leituras do meu Amigo, mas a orientação delas, e constataria que não falta quem ainda espere de Portugal algo de diferente, mais humano e mais alto do que corre como cultura dominante e asfixiante. Razão pela qual acredito que o nosso fracasso na adopção desta modernidade, constitui porventura, como sintoma de resistência que é, um esperançoso sinal de melhor futuro.

Tese contra tese, hipótese contra hipótese, não tenho ilusões acerca da eficácia destas linhas, tão pálidas ao lado das suas eloquentes páginas. Mas estou certo de que não levará a mal este desabafo pessoal, que talvez dê voz também a quantos acreditam na realidade de um desígnio transcendente presidindo ao nosso devir. Como diz o povo, errar é humano; porém, se Deus escreve direito por linhas tortas, é legítima a esperança de que, por fim, acertemos.

Certo da sua melhor compreensão, peço que aceite as saudações amigas do

Joaquim Domingues

## A LITERATURA DE AGOSTINHO DA SILVA<sup>3</sup>

António Cândido Franco

ROMA, 1944  
A Literatura de Agostinho da Silva  
uma década na prisão



Agostinho da Silva teve Apelo menos três vidas e em cada uma viveu aquilo que o homem comum não chega a viver numa única de muitas décadas. Quando abandonou Portugal em 1944, para não mais regressar durante um quarto de século, senão de forma passageira e com passaporte estrangeiro, tinha apenas 38 anos, mas deixava atrás de si uma obra ciclópica, que gerações sucessivas por vezes não chegam para cumprir. Os 25 anos

<sup>3</sup> De Risoleira Pinto Pedro (Zéfiro, Coleção Nova Águia, 2016).

que ele passou no Brasil, tal o choque criativo e revolucionário da sua acção, valem de igual modo uma vida. O mesmo se pode dizer para o quarto de século final, de novo passado em Portugal.

Embora o autor das biografias, tenha aqui e ali desacreditado em termos pessoais a filosofia, e em especial a filosofia em Portugal, preferindo antes fazer a apologia ilimitada do poeta e da poesia, os vários estudos que lhe foram sendo dedicados depois da sua morte tomaram sempre por centro propulsor o pensador, fosse no campo da educação e da pedagogia (Helena Briosa e Mota, Artur Manso, Luís Santos), fosse no da Filosofia (Paulo Borges, Romana Pinho, João Maria de Freitas Branco). Os estudos de Miguel Real, Amon Pinho, Pedro Martins, Renato Epifânio, Pinharanda Gomes e outros, não contrariam esta tendência, pois em geral fazem a hermenêutica histórica e cultural do pensamento de Agostinho, como pedagogo, filósofo e homem de acção mas nunca como poeta ou tão-só escritor.

Em geral, um pensador é avaliado nas categorias ou nas noções do seu pensamento; a forma da sua expressão é deixada de lado como um apêndice sem interesse. Está aí um defeito que se tem perpetuado até aos dias de hoje na cultura filosófica em português. Sabe-se hoje alguma coisa do pensamento de José Marinho, mas desconhece-se em absoluto o funcionamento da sua sintaxe. Ora, a construção da frase em Marinho é um factor determinante para o desenvolvimento do seu pensar. O mesmo se dirá para Eudoro de Sousa, com a única diferença de que para este importa menos a sintaxe, não obstante a linha inconfundível da frase, que a forma da língua. As suas palavras estratégicas, correlativas à evolução do seu pensar, são neologismos cunhados por ele. Sem a forma individualizada da sua língua, o seu pensamento não seria o que é.

Disto se conclui que não pode existir pensamento original sem a criação duma língua pessoal. O pensamento depende do veículo da expressão verbal, oral ou escrito, e é por isso que a língua dum pensador deve ser estudada com o mais atento cuidado. É ela o molde em que se afeiçoa o pensamento. Não há pensamento sem expressão e expressão sem pensamento. Quanto mais pessoal é a expressão, mais rico é o pensar.

O caso de Agostinho da Silva é ainda distinto destes seus ilustres contemporâneos, a que se deve por razões de afinidade vária, antes de mais expressivas, juntar Álvaro Ribeiro. Ao invés deles, que só escreveram ensaios, estudos, teorias e tratados, Agostinho deixou uma vasta obra em prosa e em verso que se insere nos modos típicos do texto literário. Pense-se na capacidade narrativa das muitas biografias que escreveu e que não podem ser encaradas como meros estudos de personalidade; são verdadeiras recriações do passado através dos instrumentos típicos da poesia. Por meio dos artifícios da *mimesis*, os biografados ressuscitam enquanto personagens. Pense-se ainda no vigor dramático de muitos dos seus diálogos – penso aqui na força formidável de *Conversação com Diótima* (1944) – e dos seus monólogos, que anteciparam em muitas décadas a polifonia de muitas narrativas dos dias de hoje. Lembre-se também esse extraordinário romance epistolográfico que são *Sete cartas a um jovem filósofo*, verdadeira montagem ficcional que bastaria só por si, se nada mais houvesse, para nos dar a dimensão romanesca de Agostinho da Silva, que em termos de literatura escrita não pode ficar resumido às novelas de 1953 e 1989 (*Herta, Teresinha e Joan e Lembranças Sul-americanas*), de resto notabilíssimas, e aos versos conhecidos.

Mas tal como sucede em Marinho, Eudoro ou Álvaro Ribeiro, há ainda toda uma expressão verbal que se associa aos seus textos ensaísticos e que, mesmo descurada, é da maior importância para se estabelecer a forma do seu pensamento pedagógico e filosófico. Sem me poder alongar nesta curta nota sobre assunto tão denso, direi que o estilo de Agostinho nesses textos evoluiu num sentido que tanto atendeu ao complexo como ao simples, conciliando no mesmo abraço a reverberação solar e o recôncavo mais íntimo e obscuro. Sem necessitar de criar um glossário próprio, como o de Eudoro, Agostinho caprichou numa frase labiríntica e barroca que parece ter por resultado a transparência e a clareza. Nunca se atingiu tanta clareza e nitidez com tanta volúpia e obscuridade. Está ainda por escrever um livro grande e cheio sobre Agostinho

chamado *A Língua de Agostinho da Silva*, na linha daquilo de Paul Teyssier fez com Gil Vicente e Guerra da Cal com Eça de Queiroz.

Este novo livro da autoria de Risoleta Pinto Pedro consagrado a Agostinho da Silva tem, pois, um motivo forte para despertar o interesse dos estudiosos do autor de *Conversação com Diotima*. Decide por um momento esquecer aquilo que todos lembram, o pensador, para lembrar o que todos olvidam, o escritor. Daí o seu título – que aliás tem um nobre antecedente no estudo que Álvaro Ribeiro dedicou em 1969 a José Régio. Nesse sentido, este trabalho deve ser saudado como um trabalho pioneiro numa área de estudo onde incompreensivelmente só raros se têm aventurado.

O livro, com prefácio de Helena Briosa e Mota, que publicou em 2007 uma resenha introdutória chamada “Agostinho da Silva e a literatura portuguesa” (*Convergência lusíada*, n.º 23, Rio de Janeiro), é uma compilação de 15 textos dispersos, escritos entre 2003 e 2016, na sua maior parte editados um pouco ao sabor do acaso e que aqui encontram uma feliz arrumação a partir de categorias que vêm dos estudos literários. Destacamos no livro três fecundas pontas: a leitura de *Vida e morte de Sócrates* (1938) como autobiografia; a atenção prestada às *Sete cartas a um jovem filósofo* (1945); por fim, a leitura cerrada e comentada das quadras de Agostinho.

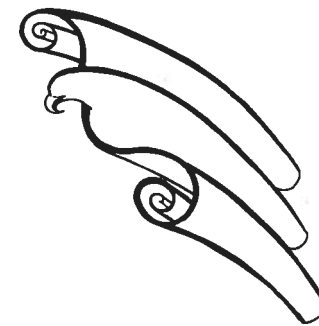
A curta biografia de Sócrates, produzida ainda no âmbito da colaboração com a *Seara Nova* e inserida numa colecção para a juventude, tem tudo para servir de modelo às grandes biografias que, pela mesma época, o autor começou a escrever. Sabe-se como a simpatia entre o biógrafo e o biografado foi determinante no caso de Agostinho. O seu modelo era o de Plutarco, ou o de André Maurois, e não o da biografia académica, falsamente imparcial e escrutinadora. Daí a ideia de ressurreições poéticas – já tão do agrado de Oliveira Martins, leitor de Jules Michelet e desenhador infatigável de *perfis* históricos palpitantes de vida. E daí ainda os casos de identificação entre autor e personagens. *Sócrates c'est moi* – diz a autora do livro recorrendo à célebre defesa

de Flaubert e nela fundando o modelo biográfico que Agostinho prosseguiu.

José Kertchy Navarro merece da parte da autora do livro uma atenção que me parece das mais curiosas. Kertchy Navarro foi até aqui sobretudo tomado como um veículo das ideias do seu autor. Pouco se atendeu até hoje ao requinte construtivo do conjunto, à montagem das peças ficcionais, à verosimilhança da trama e menos ainda a certos pormenores do encaixe narrativo. Desta vez, a leitura recai não tanto nas sete cartas a Luís Ervide, mas em algo que até aqui tem ficado na sombra – os “outros documentos para o estudo de José Kertchy Navarro”. Esses documentos são três: “Os poemas em prosa”, o “Esquema biográfico” de P. M. [Petronilha Moutinho] e a “Nota final” de José Muriel. A autora do livro foca a atenção no primeiro desses documentos fazendo uma exegese cerrada dos três poemas em causa e que me parece a primeira abordagem exaustiva da questão da criação poética neste livro maior de Agostinho.

Assinale-se ainda o corpo a corpo com as quadras de Agostinho. Sabemos que a quadra, em geral com versos de sete sílabas, foi a forma poética de eleição de Agostinho da Silva. Nela assistiu até ao final da vida, aí sentindo o molde poético ideal, afeiçoado por gerações colectivas anónimas, onde podia expressar num máximo de economia verbal aquela sua arte que tanto abraçava a mais requintada obscuridade como a suprema luz da simplicidade.

Risoleta Pinto Pedro reuniu, como dissemos, 15 textos neste livro. Não se esqueceu de o encarar como um trabalho preambular numa área onde tudo está por fazer – ou quase. O universo criativo de Agostinho ficou espalhado por inúmeros lugares e formas. Cartas, novelas, contos, poemas em verso e em prosa, teatro, monólogos, crónicas, críticas, biografias e até uma autobiografia são alguns desses pontos. Incentivamos daqui a autora a prosseguir a sua aventura por dentro destas gavetas sem fundo, dando-nos as suas novas reflexões que um dia serão esse livro que ela de algum modo nos anuncia e promete neste – esse *irmão mais novo que reúne o que ainda não nasceu, mas já existe enquanto desejo* (p. 27).



Maria Luísa Francisco

## FLUVIALMENTE

Entre rios e ribeiras  
o poema começa a fluir...  
Corre nas veias procurando a foz!  
A água balança no meu peito.  
O poema brinca com a liquidez das palavras  
e ganha consistência nas rimas do meu imaginário.  
Sinto-me liquidamente abraçada numa helénica veste  
desenhada na dança das águas.  
Nestes recônditos lugares de um outro Algarve,  
que sempre me parecem fora do tempo,  
há a milenar emoção  
de estar nos rios da Ilíada, na essência fluviopoética...  
Num repentino sair de água o poema corre nas  
cordas procurando a voz!

Delmar Maia Gonçalves

## ESCURIDÃO

Sempre vivi noites geométricas  
Mas nunca consegui tê-las simétricas  
Umás mais verdes  
e outras demasiado cinzentas.  
A escuridão tomou conta  
do solo a que pertencço.

MEMORIÁGUIO